



O Multiculturalismo na Escola e a Formação de Diretores Escolares

Luiz Carlos Carvalho de Oliveira

1.Introdução

Vivemos atualmente as promessas de um mundo globalizado. Maior circulação de bens e serviços, maior parceria tecnológica de países ricos com países pobres, maior deslocamento de valores culturais por todos os povos. Mas de forma inversa às promessas, o que se assiste é um aprofundamento gradativo das diferenças culturais.

De forma geral, nenhuma sociedade possui homogeneidade do ponto de vista cultural, é multicultural. Em sua acepção ideológica, a noção tem servido para designar uma postura política que se baseia no reconhecimento e na valorização de filiações distintas no espaço público. Nesse espaço social navegam diversas culturas, como conjunto de práticas, representações e crenças, adquiridas pelo indivíduo em sua socialização.

Hall (2002, p.83), chama a atenção para o fato de que a globalização tida como um fenômeno ocidental e que a crença na “homogeneização cultural”, por aqueles que acreditam na ameaça que a globalização representa no sentido de “solapar as identidades e a unidades das culturas nacionais”, constitui-se numa visão simplista e unilateral porque apesar da homogeneização global existe “uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade” provocando um novo interesse pelo local.

No início dos anos 2000, um número cada vez maior de países ocidentais, havia incorporado oficialmente o multiculturalismo à política pública: os governos reconhecem que as tendências multiétnicas, multireligiosas e multiculturais na sociedade moderna havia se tornado irreversível. Na realidade, a questão ideológica mais premente que essas sociedades enfrentam atualmente é como conciliar a diversidade cultural com a manutenção da coesão cívica e política (HEYWOOD, 2010, p. 97).

A escola que na modernidade capitalista tinha estado a serviço de uma homogeneização e a tarefa do educador era detectar quais os sujeitos que não se enquadravam no modelo padronizado de sujeito, tem agora na pós-modernidade capitalista, o desafio de formar para a diferença, dentro do paradigma multicultural, que complexifica as tarefas docentes e educacionais.

Conforme Winch (2007, p.155), “as questões relativas ao multiculturalismo estão entre as mais importantes e mais prementes que alguns sistemas de governo modernos precisam enfrentar. Portanto, são fundamentais para os sistemas educacionais no âmbito dessas comunidades organizadas politicamente”. A diversidade cultural e as questões educacionais por ela suscitadas tem diferentes impactos em diferentes partes do mundo.

Contribuindo ainda com a formação do conceito, Costa (2010, p.77) afirma que, “o multiculturalismo é, portanto, a relação dialética entre o poder homogeneizador da cultura dominante e a resistência cultural de segmentos sociais que preservam diferentes formas de interpretar o mundo e de nele agir”. Essa relação dialética diz respeito a conflitos que envolvem minorias étnicas, religiosas, raciais e de gênero. Essa dialética amplia a base de uma cultura e ao mesmo tempo, reforça o respeito e a compreensão dos outros.

Nesse sentido, Santos e Menezes (2010, p. 527-528), atesta que “o nosso tempo é testemunha da crise final da hegemonia do paradigma sociocultural da modernidade ocidental, é um tempo de transição paradigmática”. Esse contexto é fruto da globalização, com a diversidade contemporânea de zonas de contato entre as culturas, mas ainda há as assimetrias de poder como no período colonial.

Diante desse contexto, ainda dialogando com Santos e Menezes (2010, p.535), ele levanta uma das duas grandes incertezas que confrontam o nosso tempo, “diz respeito à diversidade inesgotável das experiências da vida e de saber do mundo”, onde os novos movimentos sociais além de ampliarem o âmbito das lutas sociais, trouxeram consigo novas concepções de vida, novos universos simbólicos. Este processo revelou a finitude do discurso de uma unidade da humanidade.

Nas últimas décadas, os defensores do multiculturalismo têm argumentado que os currículos das escolas públicas deveriam apresentar uma visão mais equilibrada da história, da cultura e das diversas identidades culturais presentes no ambiente escolar. Uma abordagem

multicultural na escola enfatiza a ação de grupos minoritários, enfatiza também como se deu o domínio dos grupos majoritários sobre os minoritários.

O multiculturalismo anda estreitamente associado às grandes mudanças características das sociedades modernas: desmoronamento das hierarquias sociais tradicionais, questionamento do Estado-nação e da dicotomia entre esferas pública e privada, globalização, intensificação dos intercâmbios entre grupos (RAVEAUD, 2011, p.592).

Há um consenso na literatura consultada de que a prática multicultural é um processo de encontros e confrontos de diálogos entre as várias culturas, que podem produzir transformações e oportunidades nas quais todas as vozes possam emergir e manifestar-se no ambiente escolar.

Esta temática é uma questão complexa que requer muita pesquisa, mas vale a pena contribuir em torno do debate do multiculturalismo aqui neste artigo porque permite refletir algumas questões importantes sobre a cultura brasileira e a cultura escolar. A postura multiculturalista implica um firme apoio à diversidade cultural dentro da escola. Culturas diferentes merecem ser protegidas e fortalecidas.

Neste debate, novamente Santos e Menezes (2010, p.543) podem colaborar ao propor com sua proposta de uma ecologia de saberes, onde “cada saber só existe nessa pluralidade infinita de saberes, onde nenhum deles se pode compreender a si próprio sem referir a os outros saberes”. Mas ainda há assimetrias na ecologia dos saberes, derivada de assimetria de poderes.

Cada saber conhece melhor os seus limites e possibilidades, comparando-se com outros saberes, partilhados por diversos grupos, criando uma necessidade da ecologia de saberes e de selecionar os saberes. Isso se dá no contexto de práticas sociais constituídas ou a constituir, capaz de promover práticas sociais eficazes e libertadoras ou experiências transformadoras.

Contemporaneamente, quando falamos de diversidade cultural, estamos de várias maneiras, conectados aos discursos sobre raças, gênero, normalidade a anormalidade, sobre os deficientes, os excepcionais, os estranhos, os pobres, enfim, sobre os incontáveis “outros” das sociedades que povoam o planeta. Todos esses grupos estão, de diferentes formas e intensidades, implicados nas práticas civilizatórias em andamento, entre elas, aquelas levadas a efeito pela maquinaria escolar (COSTA, 2004, p. 384)

Neste artigo, o que se objetiva é investigar as perspectivas da educação multicultural e suas relações com a formação do diretor da escola, notadamente, com o papel do gestor escolar da escola pública. Uma educação multicultural refere-se ao contato entre membros dos grupos culturais diversos na escola.

Para tanto, procedeu-se uma revisão de literatura no campo da formação de gestores e no campo da teorização em torno do multiculturalismo, da diversidade cultural e dos estudos culturais, presentes em artigos científicos, grupos de trabalho, livros e indexações eletrônicas disponíveis na internet.

Dessa forma, procurou-se inventariar de que forma as pesquisas sobre formação de gestores têm contribuído para discussões acerca da construção de profissionais comprometidos com a educação multicultural.

Por outro lado, muitos esperam que o multiculturalismo produza uma profunda transformação da ordem estabelecida e das relações de poder. De forma direta, uma educação pública que possibilite uma igualdade de oportunidades nos resultados dos processos educacionais que seja mais ou menos os mesmos para todos os grupos.

Assim, a educação multicultural tem como fundamento central possibilitar que os alunos se apropriem de várias culturas. Raveaud (2011, p.594), defende que “a integração de conteúdos remete à representação da diversidade cultural pela inclusão de referências às culturas minoritárias nos programas e nos suportes pedagógicos”.

Dessa forma, os conteúdos vão levar em conta as representações e as maneiras de pensar próprias a esses grupos, permitindo que os estudantes aprendam uma problemática a partir de pontos de vista distintos. Esse processo vai favorecer que o processo de ensino-aprendizagem reconheça as variações nos ritmos de aprendizagem segundo origens sociais, étnicas e culturais. As escolas, então, são levadas a agir sobre a interação, as representações e os estereótipos dos diversos alunos que estão presentes na escola.

Vê-se, nos dias atuais, nesse cenário complexo e emergente do multiculturalismo, a necessidade crescente de se repensar a formação e a atuação dos profissionais da educação considerando as questões que envolvem a pluralidade cultural que compõe o espaço escolar brasileiro.

No Brasil, as estratégias nessa direção, por exemplo, na educação indígena, observam-se que ela, em grande parte, consiste em tentativas que, de uma ou outra forma, estão implicadas na subjugação dos grupos indígenas aos desígnios das sociedades geridas pelos brancos. Epistemologicamente, encontra-se na educação indígena, propostas orientadas para promover a inculcação dos saberes típicos das sociedades letradas, urbanas e civilizadas (COSTA, 2004, p. 388).

Nesse sentido, após a construção do significado inicial do termo multiculturalismo, como interpretá-lo junto à gestão escolar? Como possibilitar ao diretor escolar da escola pública, adotar bons princípios de educação multicultural? O diretor escolar de agir reforçando os valores do respeito mútuo, reforçando as diferenças e aproximando os indivíduos. O pluralismo cultural deve impregnar a formação e a capacitação de diretores escolares

Uma das chaves para avançar no desafio da educação multicultural, passa pela formação do diretor escolar da escola pública. A gestão escolar não pode ser reduzida só a princípios de eficácia administrativa e rendimento escolar, mas a sensibilidade para a convivência de múltiplas culturas no espaço escolar, também preparando para uma cooperação com as diferenças postas na cultura escolar.

2. Formação de Diretores Escolares e o desafio do Multiculturalismo

A formação e a capacitação de diretores escolares da escola pública, têm se configurado como central na discussão sobre a qualidade na educação, principalmente as questões que envolvem a pluralidade cultural que compõe o espaço escolar brasileiro. A cultura brasileira, enquanto parte da cultura ocidental é uma união de contrários, uma pluralidade de culturas regionais, ricas e diversificadas.

Nesse sentido, defendemos que uma formação de diretores escolares, é capaz de contribuir para a reflexão e o aperfeiçoamento do trabalho realizado na escola, ao mesmo tempo em que se coloca como um importante momento para discutir as questões que envolvem a cultura da escola e seus diferentes atores, diretamente ligadas ao tipo de sociedade e de educação que se pretende desenvolver (CANDAU, 1998, p.51-68).

A escola deve aparelhar-se para compreender as outras culturas, em relação à ocidental, deve elaborar canais de comunicação e intercâmbio entre as culturas presentes na escola, preparar-se para o diálogo e a tolerância, para valores alheios à nossa tradição pedagógica, pouco tolerante e autoritária, baseada na dominação e não no diálogo.

Alguns teóricos denunciaram o processo de hegemonização produzido pela modernidade, hegemonia branca e europeia, tendo influenciado vários campos de conhecimento, como o educacional. Conforme Santana (2009, p.52), “na educação, passaram a contestar a forma como a diversidade cultural estava sendo abordada na escola, compondo, assim, uma corrente na educação que se convencionou chamar de multicultural”.

Um desses teóricos que introduziram o debate em torno do multiculturalismo foi Hall (2002, p. 7), ao declarar que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. Ele se referia aos grupos sociais historicamente prejudicados, em que o acesso à cidadania da modernidade capitalista era negado: negros, homossexuais, crianças, adolescentes, idosos, mulheres, índios, marcando o avanço dos direitos sociais desses grupos, produzindo um descentramento desse sujeito moderno/cartesiano.

Este teórico afirma que o termo identidade, motivo de muita discussão na teoria social, pressupõe alterações nos quadros de referência social porque as “velhas identidades” estão em declínio fazendo surgir outras identidades que vão fragmentar o indivíduo moderno que até então era visto como um “sujeito unificado”. Nas suas palavras:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2002, p.7)

O multiculturalismo coloca também, na escola pública, essa experiência de contato de múltiplas identidades e pertencimentos entre sujeitos diferentes no mesmo espaço, espaço de confronto e de conflito, mas podendo constituir-se espaço de encontro, marcado pelo diverso, pelo diferente. Conforme Woodward (2001, p.18), “todas as práticas que produzem significados envolvem relações de poder, inclusive o poder para definir que é incluído e quem é excluído”.

Assim, num processo inverso ao da escola pública na modernidade, de homogeneização posto pelo desenvolvimento colonial e do colonialismo ocidental (negador da diversidade humana), celebra-se a alteridade, em nome de um modelo pedagógico que admite diversos processos de socialização e aprendizagem, num movimento que caminha da homogeneidade para a diversidade, como prática (GUSMÃO, 1997, p. 17).

Segundo Castells (1998, p.24), “dado que a globalização supõe uma homogeneização das diferenças, os grupos defendem sua diferença e sua identidade”. Então, na pós-modernidade há um duplo movimento, onde quanto mais a cultura mundaniza-se, produz um ressurgimento das identidades culturais nacionais ou locais, tudo isso pressionando a questão educativa.

A escola, como espaço público, vive o dilema identitário de assimilação e integração, onde a igualdade esteja associada à equidade e à diferença, numa dinâmica de tensões entre igualdade e diferença, a partir do reconhecimento dos diversos projetos de vida culturais.

De acordo com uma lógica pública, a vida em sociedade não é possível se não houver um conjunto de conhecimentos, destrezas e valores compartilhados pelos cidadãos. Como afirma Postman (1999, p.30), sobre o multiculturalismo, “a ideia de educação pública depende por completo da existência de narrativas compartilhadas, como também da exclusão de narrativas que conduzam à alienação e à divisão”.

Atualmente tal objetivo só pode ser alcançado mediante o reconhecimento das diferenças. A questão é formar uma cultura pública comum, onde as identidades primárias não sejam negadas, mas que tampouco impeça uma cultura comum.

Com isso, o grande desafio posto ao diretor da escola pública, é desestabilizar as narrativas hegemônicas, expondo seu caráter construído e histórico. O diretor escolar em sua prática, precisa desafiar as afirmações hegemônicas, admitindo que dentro da escola, há um ambiente multifacetado. É preciso que o diretor escolar assegure espaço para que todas as identidades possam existir, num espaço de afirmação do singular, da diferença.

Num texto central para compreendermos essa questão, Santos e Menezes (2010, p. 519-562) desmonta todos os argumentos históricos e sociológicos da história canônica da Europa e do mundo, onde descreve de que forma a Europa construiu sua hegemonia, “impondo ao resto do mundo as suas concepções de passado e de futuro, de tempo e de espaço, impôs os seus valores e instituições, ocultando valores e instituições noutras regiões do mundo”.

O que interessa a este teórico é a crítica do Ocidente hegemônico, suas críticas vão partir dos danos causados pelo imperialismo e neocolonialismo. Em grande parte, todo o debate em torno do multiculturalismo é decorrente da inesgotável diversidade de saberes da experiência humana, é a diversidade epistemológica do mundo que causa a incerteza de nossa época.

Segundo Santos e Menezes (2010, p.522), precisamos ampliar a experiência histórica no reconhecimento da diversidade cultural, dando voz “a tradições do Ocidente que foram esquecidas ou marginalizadas porque não se adequavam aos objetivos imperialistas e ocidentalistas que vieram a dominar a partir da fusão entre modernidade ocidental e capitalismo”.

Na literatura científica presente em artigos e textos, parte-se do pressuposto de que, na educação brasileira, a influência da cultura branca foi predominante e a diversidade cultural é vista como residual nos contextos históricos.

O mais importante é perceber uma crítica à hegemonização cultural e à negação de um espaço escolar marcado pela diversidade de identidades culturais. Foi essa hegemonia que promoveu a dissolução das identidades e das diferenças. Dentro da escola, o papel do diretor escolar é lutar pelo respeito às diferenças, capaz de identificar o caráter ideológico dos diferentes discursos, nos auxiliando a entender as raízes da discriminação de toda ordem.

No Brasil, o reconhecimento da contribuição cultural de negros e índios para o desenvolvimento de nossa cultura e história vem se desenvolvendo graças à luta de movimentos sociais que reivindicam a preservação cultural, étnica e também, o reconhecimento das diferentes etnias na constituição da nossa formação social e educacional (SANTANA, 2009, p. 54).

Tal processo produz um aumento da exigência por competência na gestão da escola pública, em vista do que, a formação de gestores escolares passa a ser uma necessidade num ambiente multicultural. Um diretor não nasce pronto, tem como base uma formação inicial pedagógica e a experiência no cargo com um mínimo de fundamentação em educação multicultural.

Dessa forma, devemos estruturar cursos de formação de diretores de modo a fortalecer nesses profissionais da educação o compromisso com a participação na escola, o domínio de saberes e atitudes favoráveis à prática de uma gestão escolar multicultural.

Para fundamentar esse artigo, iniciou-se com um levantamento sobre as investigações já feitas sobre os programas de formação multicultural para diretor escolar e da literatura científica nacional e internacional que trata da relação entre multiculturalismo e educação.

Conforme Giroux & McLaren (1994, p.138), numa reflexão voltada para os professores, mas que podem plenamente refletirem também a formação de diretores escolares afirmam que, “a complexidade de cultura e valores exige, portanto, uma formação comprometida com questões de emancipação e transformação”. Essas questões vão combinar de um lado “conhecimento e crítica” e do outro “um apelo para a transformação da realidade em benefício de comunidades democráticas”.

Das disciplinas centrais na formação de um diretor escolar comprometido com uma educação multicultural estaria a Antropologia, sendo a disciplina mais apropriada para que nos cursos de formação e capacitação inserir esse profissional nas reflexões e nos desafios de uma educação comprometida com uma educação voltada para a diferença, a identidade, o pluralismo cultural e o multiculturalismo.

3. Conclusão

No presente artigo analisamos as investigações que relacionam a produção do conhecimento em formação de diretores escolares e o debate em torno do multiculturalismo na escola. A formação de diretores escolares visando uma educação multicultural constitui-se em um campo que ainda carece de maior produção teórica que dê amparo ao desafio da temática, como também para o desenvolvimento de políticas e ações que levem ao aperfeiçoamento do trabalho escolar.

Ao mesmo tempo, a partir da perspectiva multicultural, defendemos que pensar a formação de diretores de escolas públicas na perspectiva de problematização e debate sobre a diversidade cultural e a construção das identidades/diferenças dentro da escola é algo necessário diante da diversidade cultural e das demandas de pertencimento e múltiplas identidades culturais na realidade das escolas brasileiras.

Ao pesquisar um tema como o desafio da gestão para uma educação multicultural trouxe indagações no contexto de processos sociais, políticos e culturais mais amplos, que afetam as relações construídas nas escolas públicas. Algumas indagações foram suscitadas, como por exemplo: como interpretar o multiculturalismo junto à gestão escolar? Como possibilitar ao diretor escolar da escola pública, adotar bons princípios de educação multicultural? Foi preciso reconhecer no percurso deste artigo que o sucesso da gestão multicultural pressupõe reconhecer o pluralismo e a diversidade dentro da escola.

Desta forma, sob uma visão multicultural, as diversas identidades devem ser consideradas em pé de igualdade, cada atitude, comportamento ou interpretação só pode ser julgado em relação a determinado ponto de vista cultural.

Na prática de uma educação multicultural na escola, o multiculturalismo passa a ser um projeto de conscientização que tenta mostrar que a variedade das culturas é muito mais ampla do que aquela mostrada por apenas uma, que não engloba uma extensa gama de grupos sociais que, por diversas razões, foram excluídos ou marginalizados do núcleo majoritário da sociedade.

Portanto, o grande desafio na prática e conseqüentemente que implica na formação do diretor escolar, pode ser visto como uma tentativa de superar o racismo, o preconceito sexual e outras formas de discriminação contra as minorias culturais. A formação do gestor deve visar seu esforço na tentativa de construir uma escola pública mais permeável às diferenças culturais, nas quais estas sejam respeitadas e valorizadas.

Mesmo assim, trazer à tona o debate em torno do multiculturalismo não significa, necessariamente, que todas as identidades culturais presentes dentro do espaço escolar serão atendidas em suas necessidades, peculiaridades e diferenças. A escola é um ambiente a ser construído, portanto, histórico, onde as identidades se constroem e procuram assegurar seus espaços de existência.

Questões que giram em torno do multiculturalismo, como o colonialismo, a raça, a incorporação dos grupos excluídos na atual cultura do consumo, deve ser conteúdo obrigatório na formação do diretor escolar apto a gerir os conflitos na escola pública. Assim, o multiculturalismo, além de ser uma valorização do diferente, é também um caminho para discutir os problemas sociais.

A formação do diretor escolar, nesse caso, atua como um modo de garantir o desenvolvimento de uma gestão escolar com um enfoque multicultural. Enfim, o campo pedagógico tem que criar espaços para o multiculturalismo e suas relações com o fenômeno da gestão escola, que vai além do administrativo.

Ao fim desse artigo pode-se concluir que os desafios postos nesta relação estabelecida entre formação de diretores e multiculturalismo, são múltiplos e os profissionais da educação que trabalham nos cursos de formação de diretores e professores não podem mais fechar os olhos para esses desafios que nos apresentam.

Referências:

- CANDAU, V. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: CANDAU, V. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Volume I: **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- COSTA, Marisa Vorraber. Diversidade, multiculturalismo e diferença: uma conversa com professoras e professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2004
- COSTA, Cristina. **Sociologia: questões da atualidade**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- GIROUX, H.A. & MC LAREN P. Formação do professor como uma esfera contrapública: a Pedagogia Radical como uma forma de Política Cultural. In: MOREIRA, A.F. & SILVA, T. T. (Orgs): **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.
- GUSMÃO, Neuza Maria Mendes de. Antropologia e Educação: Origens de um diálogo. In: **Antropologia e Educação. Interface do ensino e da pesquisa**. Caderno Cedes, 43, 1997.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do feminismo ao multiculturalismo**. 1ª ed. 2º.volume. São Paulo: Ática, 2010.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- RAVEAUD, Maroussia. **Multiculturalismo**. In: ZANTEN, Agnès van. Dicionário de Educação. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SANTANA, Gisele dos Santos. Multiculturalismo: educação e miscigenação. In: FELDMANN, Marina Graziela (Org.). **Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

WINCH, Christopher. **Dicionário de Filosofia da Educação**. São Paulo: Contexto, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2001.